

# Sumário

<i>Prefácio, Amos Yong</i> .....	15
<i>Agradecimentos</i> .....	21
<i>Abreviações</i> .....	23
<b>Introdução</b> .....	<b>31</b>
O que este livro não é .....	32
O que é hermenêutica do Espírito? .....	34
<i>Percepções que vêm das ênfases no Espírito do movimento pentecostal global</i> ....	36
<i>Hermenêutica pentecostal e hermenêutica do Espírito</i> .....	38
<i>O “pentecostal” em “hermenêutica pentecostal”</i> .....	41
<i>Descritivo ou prescritivo?</i> .....	43
<i>Uma abordagem mais prescritiva</i> .....	45
A hermenêutica cristã mais ampla do Espírito .....	46
<i>Como opera a iluminação?</i> .....	46
<i>A tradição cristã mais ampla confirma a iluminação</i> .....	48
<i>Consenso interdenominacional</i> .....	50
Meus antecedentes .....	52
<i>O desenvolvimento do meu pensamento</i> .....	53
<i>Um legado de estudiosos pentecostais</i> .....	55
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>UMA LEITURA TEOLÓGICA VOLTADA À PRÁTICA E À MISSÃO</b> .....	<b>59</b>
<b>1. Fazendo uma leitura experiencial e escatológica</b> .....	<b>61</b>
Leitura missiológica que o pentecostalismo inicial fez de Atos 2 .....	61
<i>Busca de modelos nas narrativas bíblicas</i> .....	63

<i>O valor da leitura devocional</i> .....	65
Ler biblicamente é ler experiencialmente .....	67
<i>Uma abordagem pentecostal</i> .....	70
<i>A leitura experiencial em outras hermenêuticas carismáticas</i> .....	75
<i>A leitura experiencial é inevitável</i> .....	76
<i>A leitura experiencial é desejável</i> .....	78
<i>A leitura experiencial é bíblica</i> .....	82
<i>Acontecimentos irrepetíveis</i> .....	84
Conclusão .....	86
<b>2. Fazendo a leitura da perspectiva do Pentecostes</b> .....	<b>87</b>
Conhecendo o coração de Deus .....	88
Lendo missionalmente .....	92
Lendo a partir da experiência plena do Espírito .....	93
Lendo com os humildes .....	97
Uma leitura escatológica .....	102
<i>No limiar de um novo mundo</i> .....	103
<i>Os últimos dias de Atos 2.17</i> .....	105
<i>Pentecostes e seus avivamentos subsequentes</i> .....	108
A leitura não cessacionista, ou continuacionista .....	110
Conclusão .....	113

## SEGUNDA PARTE

LEITURAS GLOBAIS .....	115
<b>3. Leitura global: o modelo bíblico do Pentecostes</b> .....	<b>117</b>
A reversão de Babel .....	118
A função narrativa do dom de línguas em Atos .....	120
A associação com o batismo no Espírito na interpretação do pentecostalismo clássico .....	121
O dom de línguas e a missão transcultural .....	124
Os helenistas biculturais (Atos 6) .....	127
Conclusão .....	129
<b>4. Leitura global: contextualização e Escrituras</b> .....	<b>131</b>
Introdução: Escrituras e contexto .....	132
As Escrituras como cânon transcultural .....	133

Percepções das Escrituras em diversas culturas .....	135
A comunicação transcultural nas Escrituras: um estudo de caso .....	136
A contextualização na Bíblia .....	140
A recontextualização em um novo contexto nas Escrituras .....	143
Conclusão .....	145
<b>5. A necessidade da contribuição de outras culturas .....</b>	<b>147</b>
A contextualização é inevitável .....	147
A cultura molda o que pensamos que é cultural .....	148
Pontos cegos .....	150
Priorizando textos .....	152
Ensino bíblico e imperialismo cultural .....	153
Dando ouvidos à igreja global de hoje .....	154
Breve excursão sobre o método .....	160
Conclusão .....	163
<b>6. Algumas percepções valiosas do restante (e da maior parte) do mundo .....</b>	<b>165</b>
Estudo de caso I: espíritos .....	165
<i>Experiências globais relacionadas a espíritos</i> .....	166
<i>Interpretações acadêmicas ocidentais vs. interpretações autóctones</i> .....	168
<i>Feitiçaria</i> .....	170
Estudo de caso II: milagres .....	172
<i>Simpatia vs. antipatia</i> .....	173
<i>Experiências amplamente difundidas</i> .....	176
<i>Lendo os milagres com a igreja global</i> .....	177
<i>Desafiando o ceticismo ocidental sobre milagres</i> .....	178
Conclusão .....	181

## TERCEIRA PARTE

<b>A CONEXÃO COM O SENTIDO PROPOSTO .....</b>	<b>183</b>
<b>7. A vara de medição — o padrão .....</b>	<b>185</b>
A forma dos documentos canônicos .....	185
Os objetivos interpretativos ditam os métodos .....	186
A tradição pentecostal e o cânon .....	189
<i>Verdades fundamentais</i> .....	190
<i>Granola carismática</i> .....	192

O propósito do cânon .....	193
<i>Avaliando outras revelações</i> .....	193
<i>Discernimento</i> .....	197
Espírito bíblico, Bíblia inspirada pelo Espírito .....	200
<i>Respeitar as Escrituras requer respeitar o primeiro sentido inspirado</i> .....	200
A espontaneidade não é idêntica à inspiração .....	202
<i>O Espírito concede o dom de ensinar</i> .....	204
<i>Um círculo hermenêutico</i> .....	205
<i>Princípios básicos</i> .....	206
<i>A nova dinâmica</i> .....	208
Conclusão .....	208
<b>8. Os significados antigos importam? .....</b>	<b>211</b>
Significados (pós-)modernos ou antigos? .....	211
<i>Hermenêutica pentecostal pós-moderna?</i> .....	212
<i>Toda interpretação é tão boa quanto qualquer outra?</i> .....	214
<i>Polivalência?</i> .....	216
Nomenclatura potencialmente ambígua .....	218
Rejeição mal direcionada do contexto antigo .....	219
O significado antigo dos textos .....	221
Meu testemunho pentecostal a favor do contexto antigo .....	224
Modo de interpretar pré-moderno e também moderno .....	226
<i>Antiguidade greco-romana</i> .....	227
<i>Interesses da Reforma</i> .....	230
Conclusão.....	231
<b>9. Ainda há espaço para autores? .....</b>	<b>233</b>
Intenção autoral hoje? .....	234
<i>Dando ouvidos à comunicação</i> .....	235
<i>A intenção autoral na exegese pré-moderna</i> .....	237
<i>O debate de Hirsch</i> .....	239
<i>Os pentecostais e a intenção autoral</i> .....	241
Autores e limites subentendidos na determinação da intenção autoral ..	242
Conclusão .....	245
<b>10. Tanto este quanto aquele .....</b>	<b>247</b>
Tanto a abordagem literária quanto a histórica.....	248

<i>A necessidade de ambas as abordagens</i> .....	248
<i>Abordagens que dependem de contextos maiores</i> .....	250
Tanto o significado antigo quanto o atual .....	253
<i>O consenso comum</i> .....	253
<i>A necessidade de significados antigos e de significados atuais</i> .....	255
Algumas leituras são mais úteis do que outras .....	257
Além do significado antigo .....	258
<i>Fundamentos antigos para um significado novo</i> .....	259
<i>Fundamento comum</i> .....	259
Conclusão .....	261

## QUARTA PARTE

### A EPISTEMOLOGIA E O ESPÍRITO ..... 263

#### 11. Uma epistemologia de Palavra e Espírito ..... 265

Abordagens epistêmicas tradicionais e suas limitações .....	266
Uma epistemologia teocêntrica e cristocêntrica .....	268
<i>Cristo re[a]presentado pelo Espírito no evangelho</i> .....	269
<i>Particularidade histórica</i> .....	270
Evidência experiencial e testemunhal na epistemologia querigmática ...	271
<i>Testemunho e experiência no Evangelho de João</i> .....	271
Revelação e recepção .....	272
<i>Cosm visões caídas</i> .....	274
A fé como compromisso epistêmico .....	275
Alguns exemplos de interpretação fiel .....	278
<i>Antigamente e hoje: cultura</i> .....	278
<i>Lendo narrativas</i> .....	280
<i>Interpretando milagres</i> .....	283
Cosm visões sob juízo .....	287

#### 12. Epistemologia bíblica e hermenêutica ..... 291

Afirmações ousadas a favor da verdade .....	292
<i>Visões conflitantes da realidade</i> .....	292
<i>Fé e verdade</i> .....	293
<i>O Espírito da verdade e fé</i> .....	295
A incredulidade como cosm visão .....	295
<i>Alguns exemplos de como o pecado obscurece a mente</i> .....	297

<i>Cegueira em nível corporativo</i> .....	298
<i>Graus de cegueira</i> .....	300
<i>Exemplos de inclinações preconcebidas e hostis</i> .....	301
O dualismo epistêmico de João .....	304
<i>Compreensão equivocada</i> .....	304
<i>Conhecer por meio do encontro</i> .....	305
<i>O dualismo joanino usa tipos ideais</i> .....	307
Conclusão .....	309
<b>13. Lendo a Bíblia como verdade</b> .....	<b>311</b>
Confiando nas Escrituras .....	312
A verdade não é um gênero .....	315
<i>Um estudo de caso</i> .....	319
<i>Quando harmonizar detalhes muitas vezes faz perder de vista</i> <i>o que está em jogo</i> .....	321
<i>Enigmas do Antigo Testamento</i> .....	323
O que realmente significa ter fé na Palavra de Deus .....	326
Imaginação fiel .....	328
<i>Entrando em mundos narrativos</i> .....	329
<i>Suspendendo a incredulidade</i> .....	330
<i>Expectativas</i> .....	332
Conclusão.....	335
<b>QUINTA PARTE</b>	
<b>MODELOS INTRABÍBLICOS PARA LER AS ESCRITURAS</b> .....	<b>337</b>
<b>14. Como Jesus nos convida a ouvir a Bíblia</b> .....	<b>339</b>
Jesus pressupõe o contexto .....	340
Questões da Lei que têm mais peso .....	342
Jesus aplicava as Escrituras à sua época .....	345
Mais do que a Lei .....	348
O reino restaura o ideal de Deus .....	349
Fora da caixa .....	351
A interpretação cristológica que Jesus mesmo fez .....	352
Conclusão .....	354
<b>15. Lendo a Torá como a lei da fé</b> .....	<b>355</b>
Dois modos de leitura.....	355

O espírito da Lei: os princípios continuam, o conteúdo é adaptado .....	357
<i>Tanto diferente quanto o mesmo</i> .....	358
<i>O espírito da Lei no antigo Israel</i> .....	358
Aplicando os princípios de Paulo .....	361
Interpretando a lei bíblica.....	363
<i>Comparando as leis de Israel com as de seus povos vizinhos</i> .....	363
<i>Diferença de abordagens entre os contemporâneos de Israel</i> .....	370
<i>Concessões à pecaminosidade humana</i> .....	371
<i>Entendendo e aplicando hoje a lei de Deus</i> .....	374
<i>Um estudo de caso: o dízimo</i> .....	375
Conclusão: O Deus do amor do Antigo Testamento .....	377
<b>16. Interpretação cristológica ou aplicação pessoal? .....</b>	<b>379</b>
Uma escolha forçada .....	379
A interpretação cristocêntrica de Estêvão .....	381
A interpretação cristocêntrica de Mateus .....	384
<i>O filho de Deus e Israel</i> .....	385
<i>O modelo tipológico de Isaías</i> .....	385
<i>Os interesses interpretativos de Mateus</i> .....	387
Outras analogias nos Evangelhos .....	389
Analogias e aplicação .....	391
<i>Definindo os termos</i> .....	392
<i>Aplicação</i> .....	393
Aplicações pessoais coerentes com as Escrituras .....	396
<i>O Espírito fala por meio das Escrituras</i> .....	396
<i>Modelos para a aplicação pessoal nas Escrituras</i> .....	398
Lendo as narrativas bíblicas em busca de modelos .....	399
Padrões para nós, e não somente anais da história .....	402
Coerência na nossa aplicação das Escrituras .....	404
Letra e Espírito .....	406
A Palavra final .....	409
Conclusão.....	411
<b>SEXTA PARTE</b>	
<b>INTERPRETAÇÃO CARISMÁTICA DE QUEM? .....</b>	<b>413</b>
<b>17. Leituras “pentecostais” ingênuas vs. leituras pentecostais</b>	
<b>biblicamente adequadas .....</b>	<b>415</b>

A abordagem populista .....	416
Problemas com essa abordagem .....	418
O tipo errado de leitura experiencial .....	419
Alguns exemplos de hermenêutica pentecostal popular	
com aplicação equivocada .....	421
<i>Certa pregação carismática na televisão</i> .....	422
<i>Quebrando maldições hereditárias?</i> .....	423
<i>Ensinos do movimento Palavra da Fé</i> .....	425
<i>Modelos genuínos de fé na Bíblia</i> .....	428
Um exemplo positivo: fazendo uma releitura experiencial	
de 1Coríntios 14.....	430
Conclusão .....	432
<b>18. A comunidade pentecostal global como uma rede de segurança? .....</b>	<b>433</b>
Comunidade e interpretação.....	433
<i>Comunidade cristã</i> .....	434
<i>Perigos nos apelos à comunidade</i> .....	435
<i>Autoridade apostólica e comunidades</i> .....	437
Quem é a comunidade pentecostal? .....	439
Tornando supérfluas as particularidades carismáticas .....	441
Experiência carismática, e não somente doutrina carismática .....	443
<b>Conclusão: As Escrituras falam pessoalmente — e historicamente .....</b>	<b>445</b>
A força propulsora deste livro .....	445
A hermenêutica pentecostal como hermenêutica cristã .....	446
O Espírito e a aplicação .....	448
<b>Apêndice A: Algumas tentativas teóricas que facilitem a compreensão ..</b>	<b>451</b>
<b>Apêndice B: Abordagens pós-coloniais .....</b>	<b>457</b>
<b>Apêndice C: A comunidade acadêmica carismática global .....</b>	<b>463</b>
<i>Bibliografia de fontes citadas</i> .....	473
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	561
<i>Índice de obras antigas</i> .....	581
<i>Índice remissivo</i> .....	601



## PRIMEIRA PARTE

### UMA LEITURA TEOLÓGICA VOLTADA À PRÁTICA E À MISSÃO

As próprias Escrituras nos convidam a lê-las teologicamente com interesse na práxis e na missão.<sup>1</sup> Isto é, a maioria dos autores bíblicos queria que os seus leitores implementassem as lições que eles transmitiram, e o seu ensino muitas vezes realça Deus, Cristo e a missão da igreja. Embora às vezes seja depreciado por leitores acadêmicos modernistas, ler as Escrituras por interesses teológicos caracterizava os intérpretes pré-modernos, e eis que essa leitura voltou à mesa dos intérpretes pós-modernos.<sup>2</sup> A igreja nunca abandonou esse interesse, e as primeiras ênfases pentecostais fornecem um exemplo desse foco.

Os estudiosos atuais com frequência descrevem a compreensão de textos da perspectiva de dois horizontes, o horizonte original do texto ou do autor e o horizonte do leitor. Quase todo o meu trabalho acadêmico em estudos da Bíblia se dedicou ao horizonte antigo, mas, visto que este livro se concentra em um elemento *específico* de hermenêutica do Espírito, concentro-me aqui mais plenamente na leitura que vai além desse horizonte. No entanto, se de fato respeitamos o texto bíblico como imbuído de autoridade, esse horizonte é um fundamento necessário para a interpretação e, portanto, volto a ele especialmente nos capítulos 8 e 9.

---

<sup>1</sup>Para a práxis na hermenêutica pentecostal, veja Johns; Johns, “Yielding”, p. 42-6 (definindo práxis de modo mais específico do que eu defino aqui).

<sup>2</sup>Veja, e.g., Waddell, “Hearing”, p. 182, 186, citando aqui tb. Steinmetz, “Superiority” (tb. publicado nas p. 65-77 em McKim, *Guide*). Para a interpretação teológica de Lutero, veja, e.g., Ramm, *Interpretation*, p. 55-7.

Em contraste, discussões recentes do Espírito têm se concentrado tanto no leitor que elas às vezes têm reagido contra ênfases anteriores no primeiro horizonte. O propósito ao qual um texto aparentemente se destinava, no entanto, sugere os seus usos mais óbvios, e uma interpretação genuinamente iluminada pelo Espírito deve ser coerente com o desígnio originalmente inspirado pelo Espírito. Nossas leituras das Escrituras como comunicação se ancoram melhor, à medida que isso é possível, nos cenários dos textos bíblicos.

Mas as discussões recentes suscitam uma pergunta decisiva: como esses textos continuam falando a nós em cenários diferentes? Aqui analogias bem elaboradas são úteis, uma questão à qual voltarei mais tarde (especialmente no cap. 16). Em primeiro lugar, no entanto, quero mostrar o valor de leituras experienciais e escatológicas de textos, contanto que elas correspondam à amplitude de significado implícita na comunicação inspirada original.

# 1

## Fazendo uma leitura experiencial e escatológica

**L**ida de uma perspectiva cristã, a história bíblica avança para a vinda de nosso Salvador e para a consumação final. O período atual entre as vindas de Jesus é uma época escatológica em que devemos contar com a ação decisiva do Espírito na igreja. Embora os primeiros pentecostais tipicamente lessem as Escrituras por meio da estrutura narrativa da “última chuva” (ou “chuva serô-dia”) em vez da escatologia do reino mais biblicamente correta do já/ainda não, sua leitura era inquestionavelmente escatológica.<sup>3</sup> Eles e outros movimentos de avivamento do período, assim, fornecem um modelo útil de ler as Escrituras de modo experiencial e escatológico. Essa leitura é bem-vinda, tendo em vista a nossa localização na história bíblica.

### **Leitura missiológica que o pentecostalismo inicial fez de Atos 2**

Evangélicos radicais do final do século 19 enfatizavam a importância da Grande Comissão, a missão de alcançar todos os povos com o evangelho de Cristo. Escatologicamente, o seu insistente pós-milenarismo desempenhava um papel nessa expectativa, da qual proponentes de outros esquemas escatológicos

---

<sup>3</sup>A Terceira Onda, fortemente influenciada pela teologia bíblica de George Ladd, mudou, de forma positiva, essa ênfase; veja, e.g., Stibbe, “Thoughts”, p. 188: “Uma das coisas distintas na interpretação e exposição carismáticas é a sua ênfase no ‘agora’ e no ‘ainda não’ do reino de Deus”.

também compartilhavam. Muitos evangélicos radicais, especialmente em círculos que enfatizavam a santidade, estavam orando por uma experiência especial de capacitação.

Os que estavam em Keswick e alguns outros círculos compreendiam acertadamente que o foco da atividade do Espírito relatada em Atos é a capacitação divina para a missão (veja esp. At 1.8), e eles estavam orando de acordo com isso. Alguns, acreditando que a tarefa global era grande demais sem auxílio miraculoso, acreditavam que ela poderia ser realizada somente se missionários pudessem evangelizar diretamente sem precisar aprender todos os idiomas antes (muitos idiomas nunca haviam sido mapeados). Eles estavam orando por línguas missionárias — isto é, para que Deus os capacitasse sobrenaturalmente a falar idiomas sem precisar aprendê-los antes.

Quando alguns cristãos em círculos de santidade começaram a falar em línguas como parte de sua experiência dramática do Espírito, eles acreditaram inicialmente que estavam experimentando línguas missionárias.<sup>4</sup> Embora na maioria dos casos eles tenham descoberto depois que não era isso que estava ocorrendo,<sup>5</sup> seu interesse no poder para a missão permaneceu, e, em seu primeiro século moderno, as formas pentecostais de cristianismo se expandiram mais rapidamente do que qualquer outro movimento cristão, e grande parte disso aconteceu globalmente por crescimento de conversão.<sup>6</sup> A conexão entre línguas e missões, no entanto, muitas vezes foi esquecida.<sup>7</sup>

Embora os pentecostais nem sempre tenham reconhecido a conexão, o uso narrativo por Lucas de línguas também tinha conexão missionária. Por causa do foco de Lucas no poder do Espírito para a missão (At 1.8), ele naturalmente enfatizou a interseção mais conspícua entre a dimensão profética da atividade

<sup>4</sup>Como é regularmente observado, e.g., Anderson, *Pentecostalism*, p. 33-4; McGee, *Miracles*, p. 61-76; ibidem, “Hermeneutics”, p. 102; ibidem, “Strategy”, p. 52-3; Goff, “Theology of Parham”, p. 64-5; Jacobsen, *Thinking in Spirit*, p. 25, 49-50, 74, 76, 97; Robeck, *Mission*, p. 41-2, 236-7, 243, 252; veja esp. McGee, “Shortcut”; ibidem, “Logic”; Anderson, “Signs”, p. 195-9.

<sup>5</sup>Veja, e.g., Wacker, *Heaven*, p. 47-51; McGee, *People of Spirit*, p. 77-8; ibidem, “Strategies”, p. 204; Hudson, “Strange words”, p. 61-3; Anderson, “Points”, p. 167; Ma, “Eschatology”, p. 100.

<sup>6</sup>Veja, e.g., Lee, “Future”, p. 105; Mullin, *History*, p. 211; Berger, “Faces”, p. 425; Tomkins, *History*, p. 220; Sweeney, *Story*, p. 153; Barrett, “Renewal”, p. 388; Barrett; Johnson; Crossing, “Missiometrics 2006”, p. 28; Barrett; Johnson; Crossing, “Missiometrics 2007”, p. 32; Sanneh, *Disciples*, p. 275; Noll, *Shape*, p. 22, 32, 34; Johnson; Ross, *Atlas*, p. 102; Hanciles, *Beyond Christendom*, p. 121; Satyavrata, “Globalization”, p. 3. Mas, para mais nuances, veja esp. Anderson, *Pentecostalism*, p. 11.

<sup>7</sup>No entanto, às vezes ela tem persistido ou reaparecido; veja de forma muito proveitosa McGee, *Miracles*, p. 102; esp. Miller, *Tongues revisited*.